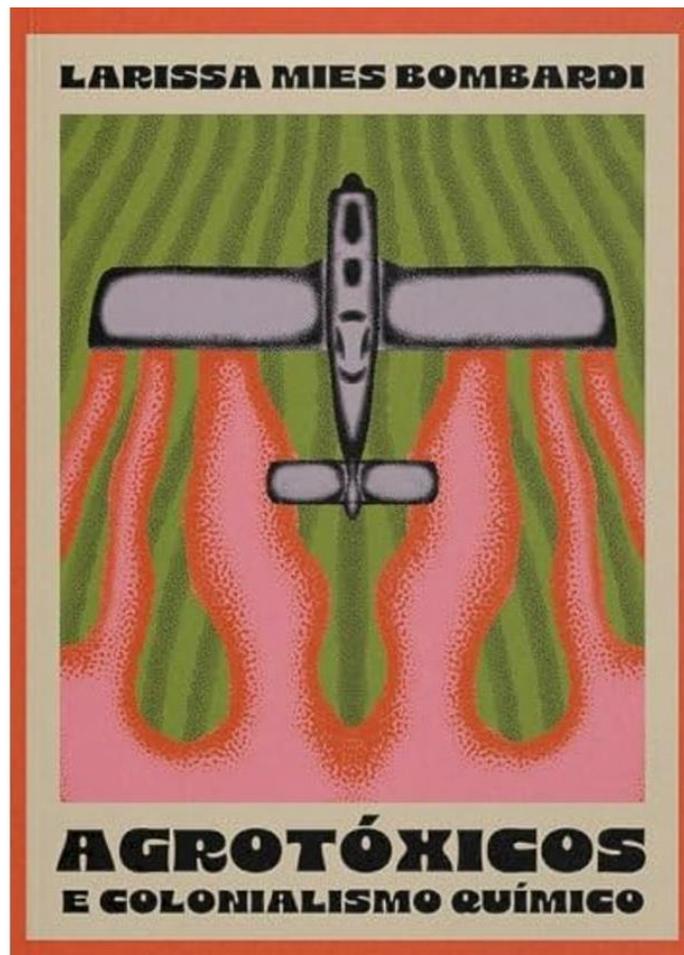


RESENHA

AGROTÓXICOS E COLONIALISMO QUÍMICO

Anderson Bertholi¹ <https://orcid.org/0000-0003-1057-1651>



O livro “Agrotóxicos e colonialismo químico” foi lançado pela Editora Elefante e compila informações alarmantes sobre os danos que o uso excessivo de pesticidas, herbicidas e fungicidas causa à saúde humana e ao meio ambiente. Todos estes dados foram extraídos do atlas intitulado “Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia”, lançado pela mesma autora em 2017.

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor do Departamento de Geociências e PPGEQ da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Coordenador Adjunto do NEPRA-UNIMONTES. E-mail: anderson.bertholi@unimontes.br

A obra está organizada em 6 partes, sendo uma introdução seguida de 3 blocos de análise intitulados: 1. Agrotóxicos e assimetria Norte-Sul; 2. Capitalismo e agrotóxicos e 3. Colonialismo químico, seguidos das notas de referência e dados sobre a autora².

Na introdução a autora resgata episódios passados que já alertavam sobre os impactos à saúde humana do uso indiscriminado de agrotóxicos, com destaque para a obra de Rachel Carson, *Primavera Silenciosa* (Estados Unidos - 1962) e *As mães de Ituzaingó* (Argentina – 2002), enfatizando o viés machista do movimento de expansão capitalista através da agricultura.

Levanta a questão dos efeitos cumulativos ou de sinergia entre as diferentes substâncias químicas (inseticidas, herbicidas, fungicidas, etc).

Lembra que o capitalismo transformou a agricultura em uma imensa máquina de produção de *commodities* e agroenergia, submetendo povos inteiros e seus territórios a uma grande miséria social e ecológica, paradoxalmente a um processo intensivo de concentração de terras, renda e poder nas mãos de um pequeno grupo de empresas transnacionais, proprietários, especuladores e seus representantes nos governos.

Destaca o impacto econômico desse setor que movimenta uma média de 60 bilhões de dólares ao ano ao preço de cerca da 1 milhão de pessoas, em média, intoxicadas a cada 12 meses.

Chama para uma construção coletiva pela justiça social e ambiental, à luz da segurança e da soberania alimentar e nutricional de todos os povos.

No **Bloco 1: AGROTÓXICOS E ASSIMETRIA NORTE-SUL** a autora chama o leitor para a análise do processo histórico do capitalismo mundializado que, recorrente, transformou a agricultura do Sul num substrato da reprodução capitalista das indústrias do Norte global.

A escritora destaca que o desenvolvimento histórico do capitalismo global possibilitou que a agricultura se transformasse no alicerce da reprodução capitalista de indústrias localizadas no Norte global. Recorda que essa reprodução capitalista se manifesta, entre outros setores, na produção e venda de agrotóxicos.

Afirma que, ao analisarmos as exportações globais de agrotóxicos no ano de 2020, notamos uma acentuada assimetria geopolítica, com a predominância dos Estados

² A referida obra também foi publicada em francês em 2024 pela Anacaona Editions. No âmbito da Revista Verde Grande: Geografia e Interdisciplinaridade, sugere-se a leitura de duas resenhas de outras obras anteriores da autora em: Fernandes (2021) e Santos (2024).

Unidos, União Europeia e China. Nesse contexto, a União Europeia (com 13,6 bilhões de dólares em vendas) e a China (com 8 bilhões de dólares em vendas) se sobressaem, seguidas pelos Estados Unidos, que comercializam 4,5 bilhões de dólares, apenas no referido ano.

Destaca ainda que, nesse contexto, somente Syngenta, Bayer (Alemanha), Basf (Alemanha), Corteva (EUA), UPL (Índia) e FMC (EUA) detém 80% do mercado de agrotóxicos do planeta.

Cita o economista Alberto Costa que provoca uma análise sobre a situação do Sul Global, onde, segundo ele os países “amaldiçoados pela abundância” tornaram-se “exportadores de natureza”.

Segue a autora lembrando que esse modelo renegou o Brasil e seus biomas a um processo intenso de exploração e devastação, com destaque para a ocupação do cerrado e da Amazônia pelo cultivo intenso de commodities.

Resgata a obra "Geografia da Fome" de Josué de Castro ao apontar que após oito décadas o autor desnudara a raiz social dessa trágica condição, discutindo como o colonialismo e o neocolonialismo contribuíram para perpetuar a carestia em muitas partes do planeta.

Por fim, encerra o primeiro bloco provando que, enquanto a área agrícola brasileira aumentou cerca de 30% a fome, por sua vez, cresceu cerca de 100 pontos percentuais, sendo esse um reflexo da nova ordem econômica mundial que subordinou globalmente a terra e a agricultura à indústria e aos bancos, tendo pra isso a anuência e a mediação dos Estados nacionais.

No **Bloco 2: CAPITALISMO E AGROTÓXICOS**, Larissa associa brilhantemente o capítulo da obra “O Capital” de Karl Marx, intitulado: “A assim chamada acumulação primitiva” à contemporaneidade do capitalismo instaurado pelo agronegócio brasileiro.

Ela lembra que não é mera coincidência que a descrição que Marx faz do processo de cercamento na Escócia, nos séculos XVIII e XIX, que envolveu expulsão, expropriação e assassinatos de camponeses, além de supressão de lavouras para o cultivo de pastagens lembra de maneira muito próxima do que vem ocorrendo no campo brasileiro do século XX e XXI.

Continua enfatizando que o Brasil, além de ser o "campeão mundial" no uso de agrotóxicos, também é reconhecido como o país com as maiores taxas de violência rural

e lidera a lista de assassinatos de ativistas socioambientais, com 342 casos registrados de 2012 a 2021.

A autora relata, dentro desse processo violento de expansão do agronegócio no Brasil que entre 2010 e 2019 o Ministério da Saúde registrou cerca de 56.870 casos de intoxicação de pessoas por agrotóxicos, com uma subnotificação na ordem de 1 para 50, o que elevaria esse número de violência para cerca de 2,8 milhões de pessoas intoxicadas.

A autora afirma que estamos em uma espécie de varredura, ou, para usar as expressões de Marx, em uma "limpeza química" do campo. Em adição aos processos já conhecidos de violência social e ambiental que ocorriam fisicamente (desmatamento, incêndios, despejos, expulsões, assassinatos) e biológica (dizimação dos povos indígenas por doenças introduzidas pelos colonizadores, um fenômeno que ainda persiste), agora também existe uma violência química, graças ao avanço tecnológico aplicado ao setor do agronegócio

Recorda que a evolução do capitalismo ocorreu e continua ocorrendo de maneira desigual e contraditória. Enquanto o capitalismo se perpetua através da exploração do trabalho assalariado, sua forma clássica e que se espalhou globalmente, ele também coexiste e depende de relações sociais que não se fundamentam no trabalho assalariado, como é o caso do campesinato, por exemplo.

Afirma que o campesinato é, portanto, uma classe social que se reproduz por meio do trabalho familiar e pela inexistência (ou existência pontual) do trabalho assalariado. Assim, enquanto a lógica da produção econômica capitalista é o lucro (a mais-valia), a lógica da produção camponesa é a sua própria manutenção. Além do trabalho assalariado, outras dimensões orientam a resistência e permanência dessa classe social, como a ética e a sociabilidades pautadas nas relações de reciprocidade, lembra a autora.

Faz menção às importantes contribuições de Rosa Luxemburgo, Teodor Shanin, José de Souza Martins e Ariovaldo Umbelino de Oliveira ao lembrar de suas contribuições no sentido de interpretar a essência do processo de desenvolvimento do capitalismo, como um movimento temporal e espacialmente desigual.

Encerra o bloco 2 destacando que a lógica do capitalismo é expansionista onde paulatinamente a terra e a natureza são mercantilizadas por meio do processo de produção do capital. Associa essa mesma lógica ao avanço do agronegócio e ao uso de agrotóxicos no Brasil, num movimento de expansão espacial em direção ao Cerrado e à Amazônia, mais recentemente.

Por fim, no **Bloco 3: COLONIALISMO QUÍMICO**, Larissa Bombardi traz a inovação do conceito como interpretação do movimento esmiuçado nos dois primeiros blocos.

A expressão "colonialismo químico" contribui para esclarecer "o que" e "como" esse movimento do capital tem se manifestado, quando empresas localizadas em nações centrais do sistema econômico mundial comercializam pesticidas proibidos em suas próprias fronteiras para países do Sul global, especialmente da América Latina. Essas substâncias, além de causar problemas socioambientais, frequentemente são empregadas como "armas" em disputas de terras.

Como exemplo cita que, apenas entre 2018 e 2019 a União Europeia exportou para o Mercosul mais de 6,84 mil toneladas de agrotóxicos proibidos em seu território e que, somente em 2021 os 26 países do bloco exportaram para o restante do planeta um volume próximo de 2 milhões de toneladas de veneno.

Dentre tantos ela destaca com clareza o aumento substancial no uso do Glifosato, Clorotalonil e o Iprodiona, revelando estudos que associam o uso dessas substâncias a problemas graves de saúde no Brasil, como diferentes tipos de câncer e malformações em fetos, por exemplo.

Destaca que essa situação é apenas uma pequena parte de um problema muito maior e trágico, onde as consequências físicas são, sem dúvida, o aspecto mais visível de toda essa tragédia. O pesado fardo emocional e psicológico dessas intoxicações recai de forma desproporcional sobre as mulheres, que historicamente têm suportado o fardo das responsabilidades de cuidado: elas cuidam dos filhos, dos companheiros, dos idosos e de si mesmas, sem que esse esforço exaustivo seja valorizado ou destacado.

Como um apontamento de esperança ela finaliza lembrando que, felizmente experiências promissoras são inúmeras, sendo que sua maioria é protagonizada exatamente pelas mulheres, como por exemplo o movimento social da agroecologia que entona o lema "sem feminismo não há agroecologia", ação coordenada no Brasil pela ANA - Articulação Nacional de Agroecologia.

Assim, à guisa de uma conclusão ela termina afirmando que as mulheres, num movimento político e arquetípico, têm conduzido as mudanças necessárias e urgentes na construção da segurança e soberania alimentar e, portanto, da justiça social e ambiental, no arranjo de uma "geografia do caminho" em contraposição dessa posta "geografia do abismo".

REFERÊNCIAS

BOMBARDI, Larissa Mies. **Agrotóxicos e colonialismo químico**. São Paulo: Editora Elefante, 2023. 108 p.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Pesticides - Un colonialisme chimique**. Paris: Anacaona Editions: 2024. 106p.

FERNANDES, Átila R. Pequeno ensaio cartográfico sobre o uso de agrotóxicos no Brasil. **Revista Verde Grande: Geografia E Interdisciplinaridade**, 2021, 3(01), 228–231. Disponível em: <<https://doi.org/10.46551/rvg2675239520211228231>>.

SANTOS, Railma A. A Agricultura 4.0 no Brasil: Alta Tecnologia na Agricultura não é o Sinônimo de Alimentos para a População Brasileira . **Revista Verde Grande: Geografia E Interdisciplinaridade**, 2024, 6(01), 677–680. Disponível em: <<https://doi.org/10.46551/rvg2675239520241677680>>.

Artigo recebido em: 18 de outubro de 2024.

Artigo aceito em: 30 de novembro de 2024.

Artigo publicado em: 07 de dezembro de 2024.